

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



O CONJUNTO DE PEDRA LASCADA DA OTA: QUESTÕES TECNOLÓGICAS E SOCIOECONÓMICAS

Ana Catarina Basílio¹, André Texugo Lopes²

RESUMO

Proceder ao estudo da indústria lítica do sítio arqueológico da Ota mostrou ser um desafio pela escassez de investigações que permitam proceder a comparações e o estabelecimento de paralelos. Esta escassez apresenta uma única exceção, o caso das pontas de seta, onde os estudos e tipologias são relativamente comuns e consensuais. É ainda de frisar a falta de apresentação dos valores em “bruto” (Sousa, 2010, p. 153), realidade que facilitaria uma reconstituição de técnicas de talhe. Posto isto, o presente trabalho tem como objectivo principal proceder a um ensaio inicial de padrões económicos, identificando, em simultâneo, as especificidades da ocupação e exploração do espaço da Ota.

Palavras-chave: Pedra lascada, Calcolítico, Estremadura, Ota.

ABSTRACT

The study of the lithic industry at the archaeological site of Ota proved to be a challenge due to the lack of investigations that would allow comparisons and the establishment of parallels. This scarcity presents only one exception, the case of arrowheads, where studies and typologies are relatively common and consensual. It is also worth noting the absence of presentation of the values in “rough” (Sousa, 2010, p.153), a reality that would enable a reconstitution of flintknapping. Therefore, the main objective of this work is to carry out an initial essay, concerning the economic patterns, identifying at the same time the specificities of the occupation and exploration of the landscape of Ota site.

Keywords: Lithics, Chalcolithic, Estremadura, Ota.

1. ENQUADRAMENTO

O assentamento do 4^o e 3^o milénio a.n.e. em estudo, o “Castro de Ota”, situa-se a cerca de 1km a noroeste do centro da localidade de Ota (freguesia de Ota, concelho de Alenquer, distrito de Lisboa). As coordenadas geográficas (*Datum* WGS84) centrais do local são as seguintes: 39°06’54.2” N e –9°00’00.9” W ou UTM: 29SMD970210, sendo que se encontra implantado a uma altimetria média que ronda os 150 m. O sítio arqueológico da Ota implanta-se na margem direita do complexo geológico do Canhão Cársico de Ota, onde se encaixa o rio Ota, subsidiário do rio Tejo. Este rio tem a sua nascente na Serra do Montejunto, o que vai reafirmar ainda mais a importância

não só da Serra em si, mas do próprio rio, enquanto definidor de ambientes culturais diferenciados (Basílio e Texugo, 2017).

A área em estudo encontra-se inserida nos denominados afloramentos “Calcário de Ota, Alenquer e Silveira” (Jurássico Lusitaniano), que estão na origem dos mais imediatos relevos da região a sul do Montejunto: a serra da Atouguia, a serra de Ota, o afloramento calcário de Monte Redondo e os afloramentos calcários do vale da Ribeira de Alenquer. Estes são calcários, por vezes margosos, dispostos em bancadas compactas com níveis de desagregação, dando passagem a grés micáceo. A geomorfologia do território da área em estudo constitui um relevo de forma tabular, cujo eixo maior tem orientação S-N,

1. ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour; catarinasbasilio@gmail.com

2. Investigador independente; andrelopes@campus.ul.pt

formando um planalto com cerca de 220 m de comprimento máximo e 126 m de largura. O seu topo compõe uma pequena área com cerca de 9 800 m², associado a um declive ligeiro para Sudoeste, tendo este uma área útil que ronda os 57 600 m². As vertentes Norte, Este e Sul são assimétricas e íngremes, sendo constituídas por escarpas que atingem os 50 m de altura em qualquer um destes sectores, tendo sido talhadas por acção fluvial nas rochas carbonatadas.

2. O SÍTIO DA OTA

O sítio arqueológico da Ota é, como os recentes trabalhos vieram confirmar, um sítio com uma larga diacronia, em que a existência de um conjunto de características captou a atenção do Homem ao longo da História. A sua implantação numa zona relativamente elevada sobranceira a um rio, atribui ao sítio protecção natural, bem como um grande raio de visibilidade, que se alia à longa exposição solar do local. Esta realidade já tinha sido identificada e sublinhada por Hipólito Cabaço que, desde cedo, compreendeu um padrão de ocupação do espaço por parte do Homem pré-histórico que levou à identificação do Alto do Pedregal, Amaral, Pedra d'Ouro, Vila Nova de São Pedro e a própria Ota.

Nos recentes trabalhos arqueológicos foi possível determinar padrões de distribuição espacial, existindo várias áreas onde cronologias concretas apresentam maior visibilidade em relação às restantes, podendo frisar-se que a ocupação Neolítica/Calcolítica tem pouca presença no topo da elevação, encontrando maior destaque a meia encosta. Esta realidade seria facilmente explicável se assumíssemos os processos de erosão natural, mas aquando da identificação de um total de cinco estruturas com planta e desenvolvimento semelhante a cabanas, assumimos que o povoamento da Pré-História recente (Neolítico/Calcolítico/Idade do Bronze) parece centrado a meia encosta. Situação que corrobora uma possível cronologia mais tardia da muralha, podendo as estruturas circulares estar associadas a uma fase prévia à sua construção. Ainda assim sublinhamos que os dados aqui apresentados são muito frágeis, baseando-se em observações de materiais de prospecção, sem fundamento estratigráfico/cronológico seguro.

3. O CONJUNTO

A aferição de uma economia de debitagem depende, desde da génese, da adopção dos princípios da cadeia operatória (Julien, 1992), no sentido de concretizar uma “remontagem mental” (Sousa, 2010, p.155) dos procedimentos aplicados, desde o bloco em bruto até ao utensílio. Na abordagem ao conjunto em estudo definiu-se, genericamente, a prossecução dos critérios técnicos de análise de João Zilhão (1995), adaptado por António Faustino Carvalho (1996) e Mariana Diniz (2007), no que respeita à utensilagem – refere-se a excepção para a classificação tipológica dos elementos foliáceos que seguiram as propostas, resultantes de um estudo intensivo, de Forenbaher (1999).

No caso concreto da Ota foi possível identificar um universo de 802 registos, onde se reconheceram 40 núcleos; 324 materiais de debitagem, dos quais 131 lascas, 123 lâminas e 70 lamelas; 14 exemplares de material de preparação (tendo sido apenas identificados flancos de núcleo); 168 elementos residuais, onde se integram restos de talhe, esquirolas e fragmentos inclassificáveis; e 328 peças retocadas (neste valor foram adicionadas as lâminas e lamelas retocadas), passíveis de serem classificadas como artefactos, com maior probabilidade de terem sido utensílios.

O conjunto apresenta-se consideravelmente fragmentado (81%), não tendo sido consideradas as esquirolas e restos de talhe, dificultando, por vezes, uma classificação técnico-tipológica precisa, principalmente no que concerne às peças retocadas (Gráfico 1). O quadro 1 destaca a debitagem de lascas e de produtos alongados (maioritariamente lâminas), reconhecendo-se cadeias operatórias com vista à produção de lascas, lascas retocadas e, possivelmente pontas de seta. A Ota, à semelhança do Penedo do Lexim (Sousa, 2010), Leceia (Cardoso e Martins, 2013), Zambujal (Uerpmann e Uerpmann, 2003) e S. Mamede (Jordão, 2010), revela uma reduzida quantidade de núcleos, de material de preparação e reavivamento de peças com córtex, contrastando com o elevado número de material de debitagem de fase plena e de peças no seu estado final, como utensílio. Provavelmente, parte das sequências de talhe seriam, como avançado por Sousa (2010) e Jordão (2010), efectuadas noutros locais do povoado ou em locais possivelmente “especializados”, a partir dos quais os produtos debitados seriam transportados. Na Ota destaca-se a proximidade com as princi-

pais zonas de aprovisionamento de matéria-prima: o Montejunto e as zonas de aluvião miocénicas da Ota, podendo ser vinculadas as primeiras sequências de talhe a estes locais.

A leitura geral das matérias-primas indica o sílex como a matéria dominante (96,93%), seguida, com grande discrepância, pela calcite (1,75%), rocha de base do arqueossítio; quartzo-hialino (0,66%); xisto (0,22%) e indeterminadas (0,44%) (Tabela 1).

3.1. Núcleos

Os núcleos estão representados por 40 exemplares, 38 pertencentes à coleção Hipólito Cabaço e dois às prospecções arqueológicas. A maior parte evidencia uma tendência de exploração preferencial de planos de percussão, verificando-se uma quantidade abissal de núcleos do tipo prismático, face aos de tipo poliédrico. A tendência para os núcleos de tipo prismático resulta, como já tinha sido verificado nos trabalhos de Patrícia Jordão (2010, p.41), numa evidência da exploração para obtenção de lamelas. Contudo, a reduzida expressão de núcleos com extracção de lâminas, pode ser rapidamente justificada se tivermos em conta o grau de utilização/estado em que se encontram – do total de 31 exemplares de tipo prismático piramidal, 25 encontram-se num grau exausto, cinco deles apresentam um abandono simples e apenas um representa um possível esboço.

Na análise da debitage, dos 40 núcleos apenas três se encontram fragmentados, o que resultou numa indeterminação quanto à sua classificação formal e aos produtos debitados. A matéria-prima dos núcleos segue a tendência referida na breve descrição do conjunto, onde o sílex se apresenta como maioritário (95%), registando-se ainda dois tipos de matéria-prima – Quartzo-hialino (2,5%) e Calcite (2,5%) – com grande possibilidade da sua proveniência ser local. Tal como se verificou no caso do Penedo do Lexim (Sousa, 2010, p.162), a Ota regista também um uso intensivo do sílex que fica patente no estado exausto (23 em 38) ou abandonado face à existência de defeito (15 em 38) dos núcleos em estudo – esta situação vai contra a relativa proximidade que a Ota apresenta em relação às zonas de aprovisionamento, contudo não nos surpreende se tivermos em conta o esforço económico empreendido na obtenção e tratamento de nódulos de sílex.

O conjunto de núcleos apresenta um elevado número de exemplares sem vestígios de córtex - 27 núcleos (68%), o que poderia significar um tratamen-

to inicial dos nódulos de matéria-prima num local exterior ao sítio arqueológico (Sousa, 2010, p.162). Quando observamos a realidade dos produtos debitados, nomeadamente as lascas, estas apresentam uma tendência contrária, sendo que, de um total de 170 lascas, 60% (102 exemplares) são referentes a lascas corticais – este domínio parece indicar que existiria um tratamento *in loco* dos núcleos. Esta questão permanecerá em aberto, pela já amplamente frisada falta de contextos, até à obtenção de novos dados, que nos façam vislumbrar uma maior percentagem do povoado, ou a existência de locais especializados, clarificando a possível presença de áreas funcionais no espaço da Ota.

O tratamento térmico presente nos materiais apontou, desde o primeiro momento, um domínio da técnica de preparação prévia à debitage (Carvalho, 2012, p. 93) que ganha outra expressão se tivermos em conta que não se registam exemplares com presença de *potlid* ou *crazing*. A percentagem de 78%, que representa o tratamento térmico em todo o conjunto de núcleos, explana a presença efectiva deste *modus operandi* na população que habitou e vivenciou o sítio em estudo.

3.2. Produtos de preparação e reavivamento

A escassez de produtos de preparação e reavivamento, é representativa da incapacidade de discriminar o tipo de debitage efectuada na Ota. No âmbito de produtos de preparação e reavivamento considerou-se a obtenção primária de produtos alongados (Sousa 2010, p.163) – Lascas de reavivamento parcial do plano de percussão, lascas de reavivamento total do plano de percussão (*tablettes*) e flancos de núcleo. A representatividade de 2% no conjunto lítico corresponde na sua totalidade (14 exemplares) a flancos de núcleo, que registam os indícios das tarefas de manutenção dos núcleos. Os flancos de núcleo, como verificado no Penedo do Lexim, contém um número considerável de peças com tratamento térmico, e o mesmo sucede entre os núcleos.

3.3. Debitagem

O material de debitage em bruto corresponde a 40% do conjunto de pedra lascada (quadro 2). A produção parece estar tendencialmente orientada para a obtenção de lascas, 56% dos produtos de debitage, com um contraste notório face às lâminas (28%), ou mesmo, às minoritárias lamelas (16%). Estas proporções são incomuns quando comparadas com o

quadro do 4^o e 3^o milénios a.n.e. na Estremadura, na medida em que a ocorrência de produtos alongados supera a de lascas, tendo sido proposto por Ana Catarina Sousa (2010, p.166) que a proporção de suportes alongados vs lascas seja determinada por questões de aprovisionamento de matéria-prima. No entanto, em situação em tudo semelhante à de Ota, encontra-se o Outeiro de São Mamede (Bombarral), que apresenta proporções, também elas, pouco consentâneas com a realidade proposta para o período cronológico aqui em estudo – realidade esta que obtém neste sítio arqueológico, uma maior expressão, ilustrada pelas lascas que atingem os 77% dos produtos debitados, em claro contraste com a obtenção de lamelas com 18%, ou das ainda mais escassas lâminas, 5% (Jordão, 2010, p.42).

3.4. Lascas

O produto talhado mais representativo da Ota, neste caso entenda-se lascas, domina o conjunto dos produtos debitados, contendo um elevado número de lascas em bruto. Quando colocamos este conjunto em confronto com as lâminas, podemos identificar que a obtenção de lascas funciona como objectivo intermediário numa cadeia operatória como a dos foliáceos (Sousa, 2010, p.174). Considerando o número significativo de lascas corticais (60%), é concebível que a cadeia operatória das lascas se encontre completa, ainda que não tenha sido realizado nenhum estudo de remontagem.

Entre as matérias-primas, o domínio absoluto do sílex verificado para as realidades anteriores mantém-se (95%), havendo um número residual de lascas de calcite (4%) e um ainda menos expressivo de quartzito (1%), configurando uma quase inexistente macro-indústria. A realidade do conjunto em estudo, tal como é assumido nos casos homólogos que foram estudados, ilustra a assunção de que «as tarefas “pesadas”» estão insuficientemente representadas nos povoados calcolíticos estremenhos. (Sousa, 2010, p.175).

O retoque também foi tido em conta, mesmo tratando-se de um produto que é tido como uma fase intermédia de uma cadeia operatória alargada – a elevada percentagem de produtos inteiros indicia que este tipo de materiais não seriam “compreendidos” como utensilagem. No entanto, as lascas apresentam um significativo retoque (23%), não sendo identificável uma diferença substancial entre as lascas com presença de córtex e ausência de córtex.

3.5. Produtos alongados

A expressão de 44% (193 peças) de produtos alongados, retocados e não retocados, do conjunto de pedra lascada remete-nos, em primeira instância, para a questão da divisão artificial, ao nível da largura, que define a delimitação entre lâminas e lamelas. Neste caso, optou-se por se utilizar o método mais recorrente, com o valor pré-definido de 12 mm (Inizan, 1995), tendo em vista a normalização de resultados e a facilitação de estudos comparativos. A análise das larguras dos produtos em suportes alongados (193 exemplares) em categorias de 2 mm, como proposto para o Penedo do Lexim (Sousa, 2010, p.167), parece indicar uma dispersão por todas as categorias, demonstrando, provavelmente, uma grande disponibilidade de matéria-prima, como já verificado anteriormente para os núcleos, ou ainda diferentes funcionalidades.

As lâminas, com 64% (123 exemplares) dos produtos em suportes alongados, apresentam duas categorias mais salientes – larguras entre 12-14mm e 20mm – intervalos quase equivalentes, separados por três peças, que representam propensões distintas. A primeira, no limiar com as lamelas, parece traduzir uma uniformização da produção, em conjunto com a categoria anterior (10-12mm), enquanto que a segunda aponta a uma produção de produtos de grandes dimensões (29 peças), acima dos 20 mm. A factualidade atingível através dos materiais, denota a predominância da debitação de lâminas face às lamelas, num conjunto significativo, entrando em oposição com os recentes estudos para o Penedo do Lexim (Sousa, 2010, p.169) e Outeiro São Mamede (Jordão, 2010, p.44), ainda que em sintonia com a realidade observável no Zambujal (Uerpmann e Uerpmann, 2003, p.29) – 75% lâminas e 25% lamelas.

O estudo das secções transversais possibilitou também verificar a presença de produtos alongados de fase plena de debitação e de fases iniciais, numa proporção similar entre lâminas e lamelas, denotando uma certa coerência no conjunto apresentado. Assim sendo, a fase inicial de debitação, correspondendo a secções triangulares, exhibe 33 lamelas (47% do conjunto das lamelas), registo similar ao das lâminas com 47 exemplares (38% do conjunto das lâminas). A fase plena de debitação, secções trapezoidal, revela um decréscimo nas lamelas (40% do conjunto das lamelas), em contraste com o aumento no caso das lâminas (41% do conjunto das lâminas), embora seja um aumento pouco significativo e expressivo.

À realidade apresentada até aqui, podem ainda somar-se as alterações térmicas que se exibem, curiosamente, em desigualdade de circunstâncias, isto é, as lâminas apresentam um tratamento diferenciado, em relação às lamelas, com uma expressa motivação para a ausência de qualquer tratamento (58% das lâminas), situação semelhante à observada nos dois únicos núcleos de lâminas (1 com tratamento térmico e outro com ausência de tratamento), contrariamente às lamelas que tendem a ter uma menor expressão na ausência de tratamento térmico (35% das lamelas). Quanto aos núcleos de lamelas, estes apresentam uma tendência semelhante à verificada nas peças debitadas, em que somente três destes 32 núcleos evidenciam a ausência de tratamento térmico.

Por fim, e numa última consideração sobre os produtos alongados, procedeu-se a uma análise macroscópica com o objectivo de interpretar qualquer marca de uso ou expressão pós-deposicional. A identificação de “brilho de cereal” foi possível em sete peças no conjunto dos produtos em suporte alongado, destacando-se as lâminas com seis dos sete exemplares identificados. O esquirolamento, que tende em ser interpretado como reflexo de um uso expedito, pouco intensivo ou resultado de fenómenos pós-depositacionais, tem alguma expressão no conjunto em estudo com uma presença em 59 peças de 193, sendo que a distribuição é equitativa entre lâminas e lamelas.

A nível da fragmentação, a reduzida expressão de peças completas pode indicar que, principalmente as lâminas seriam fragmentadas para se tornarem mais funcionais no desenvolvimento das suas funções – realidade observável no elevado número de fragmentos mesiais, bem como fracturas por flexão, tendo sido também identificadas peças com retoques em áreas fracturadas, acentuando a utilização destes elementos depois de fracturados. Como acontece para o Penedo de Lexim, também é possível falar em fragmentação intencional, directamente relacionada com a funcionalidade destes objectos em contextos domésticos (Sousa, 2010, p. 173)

3.6. Utensilagem

Os utensílios da Ota correspondem a 32% do total da pedra lascada, isto é, a 328 exemplares (Tabela 1). Este é o segundo conjunto mais representativo da pedra lascada na Ota, em que se destacam equitativamente os utensílios diversos, onde está incluída a panóplia

correspondente à diacronia entre o 4^o e 3^o milénio a.n.e. – utensílios de retoque marginal, entalhes, raspadeiras e furadores – e as peças foliáceas, com destaque para as pontas de seta, 103 em 175, e foliáceos ovóides com 72 ocorrências (Forenbaheer, 1999).

3.7. Utensílios diversos

Os produtos de debitage com retoque marginal (111), as raspadeiras (34), os furadores (7) e o entalhe (1) constituem o grupo minoritário das peças retocadas. Destacando-se, uma vez mais, as lâminas com retoque abrupto ou semi-abrupto, em proporções semelhantes, com alternância de inclinação de retoques similares. A Ota não apresenta qualquer expressão de peças denticuladas e contém apenas um entalhe na sua colecção de pedra lascada, ainda assim, o conjunto não deixa de expressar um âmbito cronológico alargado.

Quanto à dimensão funcional das lâminas mesiais (Gutierrez Saez, 1998), não se conseguiu confirmar a sua utilização como utensílio, apesar de representarem 35% do conjunto laminar, apenas numa ocorrência se detectaram marcas de uso, nomeadamente o característico “brilho de cereal”. Já nas lascas retocadas, também foi possível verificar retoque marginal, com um ângulo diferenciado - tipo de retoque semi-abrupto e o mais expressivo, rasante. Também, como verificado para o Penedo do Lexim (Sousa, 2010, p.178), o número de lascas com retoque descontínuo é elevado e, como proposto para o sítio homólogo, evidencia provavelmente um uso expedito. Contudo não foi detectada, na análise macroscópica, qualquer evidência de marcas de uso.

O entalhe pertencente à colecção de pedra lascada da Ota é do tipo espesso, sobre lasca, encontrando-se inteiro e com o bordo activo demarcado por um retoque semi-abrupto contínuo, no entanto, não foi possível detectar qualquer tipo de marca de uso.

Dos sete furadores que constituem o grupo de utensílios diversos, todos se apresentam sobre suporte de lasca, e encontram-se inteiros, conservando a parte distal, que ainda se exhibe aguçada. Este é um grupo restrito, tal como o entalhe, considerando que a sua reduzida expressão possa ser explicada pela funcionalidade que lhe é atribuída – “furador” –, podendo sobrepor-se a outro tipo de utensílios, como o osso ou o metal. Para o caso do osso, foi identificada uma expressão significativa no conjunto da Ota, enquanto para o metal não existem exemplares.

As raspadeiras correspondem a um utensílio com

uma longa diacronia e um número elevado de ocorrências face a sítios congêneres, como o Zambujal, Penedo do Lexim ou Outeiro de São Mamede. O conjunto é composto por 23 exemplares inteiros e 11 fragmentados. Ao nível dos suportes existe uma clara opção pelas lascas (82%), seguido pelo grupo de indeterminados (15%) e, ainda menos expressivo, sobre lâminas (3%). A preponderância das lascas parece ganhar uma nova dimensão quando se observa que, de um total de 82% de lascas, 38% correspondem a lascas corticais, podendo revelar um aproveitamento das primeiras fases de debitação de um nódulo de matéria-prima, para o aproveitamento funcional desse tipo de material – no conjunto em estudo, a única matéria-prima detectada é o sílex. Contudo, este facto não é determinante numa cadeia operatória de raspadeiras, podendo apenas configurar um momento no espaço que, todavia, não está aferido.

Quanto à morfologia, o conjunto apresenta uma grande heterogeneidade, o tipo de bordo funcional demonstra que não existe uma absoluta predominância evidente, destacando-se a presença de retoque em ambos os bordos (bilateral) ou apenas num dos bordos (unilateral). O mesmo já não pode ser aferido para o tipo de retoque, em que se manifesta a presença maioritária de retoque abrupto ou semi-abrupto.

Quanto à presença de tratamento térmico, confirma-se em 14 peças, demonstrando uma tendência correspondente ao material de debitação e aos núcleos. As marcas de uso apenas foram confirmadas em 9 exemplares, 8 desses com o evidente “lustre de cereal” e 1 com marcas de uso indeterminadas.

4. FOLIÁCEOS

4.1. Foliáceos ovóides

A questão em torno aos foliáceos ovóides é enorme e está expressa nos inúmeros termos que estes artefactos transportam, como lâminas ovóides, facas ovóides, foicinhas ou lâminas de foice. Tal como Forenbaher (1999, p.81), optou-se por utilizar o termo neutral de foliáceo ovoide, que não associa as peças a uma suposta função.

O conjunto de foliáceos de Ota é composto por 72 peças que apresentam um grande potencial, ainda que não conte com os números identificados no Zambujal (266 foliáceos ovóides) ou Leceia (288).

O estudo levado a cabo no presente trabalho não

confirmou a afirmação: “An unspecified number of large, bifacially worked pieces” (Forenbaher, 1999, p.62), ainda que tenham sido identificadas quatro pré-formas – três inteiras e uma parcialmente fragmentada. O número oficial de foliáceos ovóides também aumentou de 18 para 68, remetendo unicamente para o estágio 6: fase final (Forenbaher, 1999), sendo esse o número mínimo de exemplares. Uma vez que o conjunto se apresenta muito fragmentado – proximal (17), mesial (37), distal (10) e parcialmente fragmentado (4) – procedeu-se à tentativa de remontagem com base no estado, na matéria-prima (colorações e defeitos) e nas técnicas de retoque, tendo sido apenas possível encontrar correspondência em dois fragmentos. A altíssima fragmentação, 100% dos foliáceos ovóides neste conjunto, excluindo as pré-formas, é, por enquanto, inexplicável, ainda que seja reconhecido que a fractura dominante, em 99% dos casos, é por flexão e, em apenas num caso, 1%, por retoque.

A fragmentação deste conjunto suscita diversos entendimentos imediatos, em primeiro lugar, surge de uma colecção que resultou de uma escavação com técnicas e métodos rudimentares, podendo ainda reflectir fenómenos de natureza pós-deposicional. Ainda assim, a mera casualidade parece não explicar o número mínimo de exemplares que não permite qualquer remontagem. A próxima explicação que nos surge é motivada por Forenbaher (1999, p.63) “These were interpreted as blanks, indicating the existence of a workshop” que tem ser equacionada, mesmo que não exista a representatividade de pré-formas que o autor supracitado avança e, desta feita, a explicação para a fragmentação tem de passar pela escavação de uma zona de talhe por parte de Hipólito Cabaço na década de 30. Ou seja, os fragmentos de foliáceos ovóides tratar-se-iam de produtos com defeito, enganos de oficina, erros de talhe ou de reciclagem de foliáceos ovóides.

Por fim, a explicação pela “Arqueologia da fragmentação”, sendo esta uma “estratégia social ao serviço da comunicação e da gestão de relações” (Valera, 2010, p.31), ou seja, podendo-se levantar a questão, para este caso concreto, de que um fragmento, uma metade, pode assumir-se como representativa de um todo, agindo socialmente. Estes podem integrar o que Chapman (2007, p.100) considerou como “fragmentos órfãos” nos sítios arqueológicos pré-históricos, que não se ficariam a dever somente aos processos tafonómicos, mas também a práticas que

envolvem a fragmentação intencional e a posterior manipulação dos objectos.

Outra das características da produção foliácea é a presença de tratamento térmico, contudo o conjunto “apenas” regista a presença de tratamento térmico em 50% das peças. Quanto à classificação formal das peças, utilizou-se o mesmo critério utilizado para o Penedo do Lexim (Sousa, 2010, p.190), tendo sido efectuada de acordo com a geometria dos bordos e as suas extremidades. A forma dos bordos mais comum é a convergente que equivale às convencionadas “lâminas ovóides”, constituindo a maioria (82%) das peças classificáveis. Foram também reconhecidos bordos paralelos (15%) que correspondem a formas trapezoidais e, por fim, as menos expressivas, de bordos sinuosos (3%).

4.2. Pontas de seta

Entre os materiais retocados, as pontas de seta correspondem ao tipo mais representativo do conjunto de materiais, verificando-se o mesmo padrão identificado nas colecções antigas, recolhidas em contextos calcolíticos na Estremadura. Foram recuperados 103 exemplares que parecem coincidir com o panorama detectado para o Penedo do Lexim (149), Zambujal (cerca de 900) e Outeiro de São Mamede (418). Do total do conjunto de pontas de seta, 79 encontram-se completas, correspondendo a 77% do universo em estudo. Estes valores estão desenhados de outros contextos similares na Estremadura, exceptuando o caso do Outeiro de São Mamede (87%), podendo a causa deste fenómeno ser associada a uma “recolha direccionada apenas para peças inteiras” (Sousa, 2010, p.191). A categoria de “parcialmente fragmentado” foi incluída no grupo de peças inteiras, uma vez que permitiram todas as mensurações, encontrando-se somente fragmentadas nas suas extremidades.

A sistematização de Forenbaher (1999, p.77-79) que cruza a forma dos bordos das pontas de seta e a forma das suas bases, permitiu configurar cinco tipos de pontas de seta, com excepção para as pontas mitriiformes. De acordo com esta proposta (Forenbaher, 1999, p.77-79), posteriormente sistematizada por Ana Catarina Sousa (2010, p.193), os tipos configuram grupos amplos:

- *Tipo 1*: pontas de base convexa (base arredondada, base triangular, pedúnculo);
- *Tipo 2*: ponta de base côncava ou plana;
- *Tipo 3*: pontas mitriiformes (único caso em que

o tipo de bordos e a extremidade da peça determina a classificação morfológica);

- *Tipo 4*: ponta de seta tipo Eiffel: base e bordos muito concâvos;
- *Tipo 5*: pontas de seta alcalarenses (base muito concava e aletas pronunciadas);
- *Tipo 6*: pontas ovais foliáceas;
- *Tipo 7*: pontas modificadas.

Tal como se verifica na lista acima, para além das evidentes particularizações, os tipos 1 e 2 integram uma grande diversidade de formas que seriam, tradicionalmente, individualizadas e que, no caso específico da Ota, serão mais à frente aprofundadas por transportarem características morfológicas que lhe conferem atributos de “*fóssil director*”, como elementos de datação relativa.

No seguimento da proposta metodológica de análise de contextos de fabrico (Forenbaher, 1999; Carvalho, 1998), foi possível identificar o primeiro conjunto de produção de pontas de seta no actual território português (Sousa, 2010, p.194). A abordagem ao conjunto em estudo teve em conta os diferentes estádios de produção, tendo sido essa a base através da qual se determinaram as 16 pré-formas, incluindo-se cinco peças em estágio inicial, bem como 85 pontas de seta em estágio final e identificaram-se ainda dois exemplares que foram alvo de reparação.

Quanto aos tipos de suporte, muitas das vezes são de difícil identificação, devido ao facto de as superfícies se encontrarem largamente modificadas pelo retoque. Foi assim possível confirmar a utilização de lascas como suporte de 22 peças, sendo que 10 destes correspondem às fases iniciais da produção de pontas de seta. Quanto aos restantes (81), o suporte foi considerado como indeterminado.

O tipo de ponta de seta (base côncava/plana) corresponde ao grupo maioritário, ascendendo a 55% do total do conjunto, domínio que aparenta confirmar-se genericamente em todos os povoados e em necrópoles (Forenbaher, 1999, p.101). Os restantes tipos de ponta de seta apresentam uma expressão residual no conjunto, destacando-se ligeiramente as de tipo convexa/triangular, as de tipo modificadas e a exclusiva de tipo torre *Eiffel*. Não foi detectada a presença de pontas de seta “alcalarenses”, ou de qualquer outro tipo que seja indicador de redes de troca transregionais (Sousa, 2010, p. 197). No entanto, pode-se especular a proveniência de um exemplar (1685/8) do tipo 2 (base concava/plana),

inteiro sem qualquer fractura, no seu estágio final de produção, cuja matéria-prima sobre a qual foi talhado se reporta a um material xistoide, vulgo xisto jaspoide, sendo esta a única presença de outro tipo de matéria-prima, assinalando-se como o único exemplar com uma possível proveniência exógena – ainda que permaneça por descodificar se foi a peça a viajar ou um bloco de matéria-prima, se chegou pelas teorizadas “redes de troca transregionais” (idem, ibidem, p.197) ou se reflecte um acto de mobilidade populacional (Oelze, 2012, p.15) (Gráfico 1).

A matéria-prima não é um factor que possa ser des- trinchado ou funcione como factor determinante, como aconteceu para o caso da Malhada (Valera, 2006, p.768), ainda assim é possível constatar, através da relevância dada pelo preenchimento a vermelho no gráfico 2, que a peça –1685/8– de xisto jaspoide, ainda que isolada, denota um tratamento similar ao identificável no conjunto de pontas de seta em estudo, ou seja com uma menor robustez (mais alongadas e menos espessas). O conjunto é, na sua grande maioria, pouco robusto, em que os quatro tipos de pontas de seta não se destacam, para além destes existem 10 exemplares – nove do tipo côncavo ou plano e um do tipo triangular – que apresentam um alongamento médio a elevado e uma espessura bastante significativa, acima dos 20. O gráfico de dispersão parece configurar um modo de fazer normativo, com algumas excepções mencionadas anteriormente.

Em relação ao perfil, existe claramente uma dominância das peças de perfil simétrico/recto que perfazem na totalidade as peças no estágio final, as pré-formas (16) são distribuídas pelos perfis rectos (56%), rectos com a extremidade distal arqueada (25%) e sinuosos (19%). Não foi detectado qualquer perfil convexo que, segundo Ana Catarina Sousa (2010, p.199), poderia configurar um estágio inicial de produção, desta feita a relação não se encontra corroborada para o caso da Ota. No que se refere à secção, a predominância recai sobre as plano-convexas (47%) seguidas pelas biconvexas (25%), este destaque sobre estes tipos de secção também foi verificado para o Penedo do Lexim, mas em situação inversa, com o domínio das biconvexas (50%) a que se seguem as plano-convexas (42%). Contudo, no nosso caso, as secções triangulares e trapezoidais reflectem uma maior expressividade, no conjunto, com 18%, podendo estar relacionadas com aproveitamento dos produtos alongados enquanto suporte. A totalidade do conjunto de pontas de seta apresen-

ta retoque bifacial, ainda que a extensão do retoque não seja uniforme em ambas as faces. O grupo maioritário das peças foi retocado em ambos os bordos (45%), sendo a extensão do retoque mais comum, a referente ao verso das pontas de seta. A superfície total é o segundo grupo com mais representatividade, com 35% do conjunto, tendo sido a extensão de retoque na face, a mais característica.

Num conjunto considerável de peças, a análise do tipo de retoque revelou a frequência preponderante do tipo rasante, que abrange 71% do conjunto, aparecendo ainda um grupo de peças com um tipo de retoque semi-abrupto (19%) e um número reduzido com retoque abrupto (10%). A serrilha também foi detectada em 16% do conjunto, registando-se uma clara tendência para a ausência deste tipo de acabamento. A explicação para a sua pouca expressividade é teorizada por Forenbaher (1999, p.76) como sendo um meio para o sangramento das presas, o que lhes atribui uma funcionalidade específica e por consequência uma menor expressão no registo arqueológico. Outra explicação, admitida pelo autor anteriormente referido, é a que assume que a presença de serrilhas possa indicar um tipo de “adorno” de natureza não funcional.

A questão da fracturação ou fragmentação destes artefactos leva-nos a proceder, em primeira instância, à associação entre a funcionalidade e a produção. Ainda que seja muito difícil identificar os tipos de fractura presentes nas pontas de seta, estes tipos podem ser reconhecidos pela dispersão de energia expressa nas morfologias das fracturas, exercício facilitado pela matéria-prima em questão (sílex). Se, por um lado, os constituintes do conjunto que apresentam fracturas, são representados, maioritariamente, pelas fracturas por flexão (57%) – associadas à sua funcionalidade que envolve a existência de um impacto (Sousa, 2010, p.210) registado através de um padrão comum de fractura: extremidade distal e extremidade da base – por outro lado, verifica-se no conjunto a presença de um grupo de peças que apresenta fracturas acidentais (26%), que embora estivessem no seu estágio final, podem ilustrar fenómenos pós-deposicionais. Por fim, e quanto às ainda menos expressivas fracturas por retoque (6%), podem corresponder a múltiplas interpretações das quais destacamos a reparação, acidentes em fases finais de talhe e/ou por reconversão.

5. BREVES CONCLUSÕES...

A necessidade de apresentar uma leitura geral e integrada é, sem dúvida, um dos principais propulsores do desenvolvimento do presente trabalho. Só após a sua realização nos encontramos em condições de compreender o sítio como um todo, bem como interligá-lo com as realidades regionais compatíveis. Estas interligações estão sempre dependentes dos ritmos de investigação de cada área, sendo o caso da Estremadura portuguesa um dos mais densamente estudados, assumindo-se um fenómeno cultural regional. Nesta área foi rapidamente identificada a “Cultura de Vila Nova de São Pedro”, funcionando como base para estudos nacionais e internacionais, com presença ainda nos dias de hoje. Esta noção de uma “identidade estremenha” é ainda hoje perpetuada, encontrando-se melhor fundamentada, ainda que com questões e especificidades por reflectir, em muito pelos contextos identificados e intervencionados até ao momento, que parecem suportar a aplicação deste conceito supraestrutural, essencialmente organizativo do que se pode considerar como pensamento mais materialista. Esta partilha de características passa pela reprodução dos mesmos padrões na implantação dos sítios, a componente artefactual a eles associada e as mentalidades/ideais conjecturados para estes locais. Ainda assim é necessário compreender que cada sítio arqueológico representa um conjunto de pessoas/comunidade diferenciado, com agências e identidades distintas, bem como ritmos e vivências condicionadas pelo espaço que experienciam. Após a análise completa das realidades territoriais do espaço concreto da Ota, dos seus materiais e contextos, podemos assumir que nos encontramos mais aptos e prontos para posicionar o sítio da Ota numa corrente cultural e identitária regional, ou numa rede de contactos maior.

O conjunto reflecte assim as condicionantes sociais, assim como espaciais e temporais, expressas em ritmos diferenciados e mais, ou menos, complexos, que se podem justificar como sendo um reflexo de um processo de especialização, como pensado por Francisco Nocete (2001). Ainda assim, quando observada a componente material aqui em estudo, compreendemos que as evidências primárias, lidas através dos materiais, nos mostram uma realidade relativamente homogénea, sem sinais de concentração dos sítios em torno de uma especialização funcional concreta.

A identificação de toda a cadeia operatória referente ao trabalho do sílex, onde se contam os núcleos não exaustos, pré-formas de diversos materiais, bem como um conjunto bastante grande de resto de talhe, sustentando a ideia de que os materiais seriam talhados e trabalhos no espaço do sítio arqueológico. Refuta-se então a noção de que, na Estremadura, a mobilidade passa por peças já transformadas, e não pelas matérias-primas em bruto (Sousa, 2010, p.590, Aubry, Llach e Matias, 2014). Estes processos de debitage são atípicos, diferenciando-se das tendências de sítios semelhantes (Sousa, 2010, p. 590), podendo esta diferença encontrar justificação nas questões cronológicas, aparentemente mais recuadas (Diniz, 2003; Carvalho, 2007). A nível de representatividade e de evolução da presença das peças líticas, esta realidade é-nos impossível de alcançar pela inexistência de contextos e de sequências, ainda assim é certo que os materiais como as pontas de seta (103), as lâminas (123) e lamelas (70) têm uma grande representatividade no conjunto, sendo curioso que único paralelo para o domínio das Lâminas face às Lamelas se encontra no sítio do Zambujal (Uerpmann e Uerpmann, 2003, p.29).

Em suma, o universo dos produtos líticos da Ota é extenso para um conjunto desta natureza contextual, denotando as evidentes fragilidades nos discursos e nos dados. No entanto, expressa uma certa conformidade numérica geral com resultados obtidos para os casos homólogos. Os estudos aqui efectuados revelam não só uma evidente transformação dos produtos in loco, como também uma regularização dos gestos técnicos que pressupõe uma partilha comum do saber, atestável através dos dados fornecidos anteriormente.

Num balanço final, a questão cronológica parece ser a que tem maior preponderância e relevância. É nesse sentido que o extenso conjunto da Ota pode alcançar um enquadramento crono-tipológico baseado nas morfologias analisadas. A questão tipológica é sobrevalorizada neste trabalho, devido à escassez de proveniência contextual, assim sendo, e a par dos estudos no Outeiro de São Mamede, Zambujal e Penedo do Lexim, a Ota parece adequar-se às cronologias contextuais do Zambujal e do Penedo do Lexim, com um conjunto na sua grande maioria enquadrável no 3º milénio a.n.e., excepção para as reduzidas evidências, estas por sua vez associadas aos finais do 4º milénio a.n.e.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Gil (1963) – Castro do Amaral. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Série 81. 7-9 e 10-12 Julho – Set. e Out. – Dez. Lisboa: SGL. p. 236.
- AUBRY, Thierry; LLACH, J. M.; MATIAS, Henrique (2014) – Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P.A.; GOMES, A.; S. MONTEIRO-RODRIGUES S. eds. – *Proveniências de Materiais Geológicos*. Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário. p. 165-192.
- BARBOSA, Ernani (1956) – O castro de Ota (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.ª série, 3. p. 117-124.
- BRANCO, Gertrudes (2007) – A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 49).
- CARVALHO, António Faustino (1998) – O talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das serras d’Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico. Lisboa: Edições Colibri (*Textos Monográficos*, 2).
- CARVALHO, António Faustino (2008) – O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 1: Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo. *Praxis Archaeologica*. Lisboa. 3. p. 167-181.
- CARVALHO, António Faustino; GIBAJA, Juan; GAVILÁN, B. (2012) – Technologie, typologie et analyses fonctionnelles de l’outillage lithique durant le néolithique ancien dans la Cueva de Murciélagos de Zuheros (Córdoba, Espagne): réflexions sur la néolithisation du sud de la Péninsule Ibérique. *L’anthropologie*. [Em linha]. 116, p. 148-170. [Consult. 3 Julho 2016]. Disponível em WWW: URL: <http://linkin-ghub.elsevier.com>.
- CHAPMAN, Robert (2003) – *Archaeologies of complexity*. London: Routledge, 2003.
- DINIZ, Mariana (2007) – O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*; 48).
- FORENBAHER, Stašo (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress, 1999. (BAR. International Series; 756).
- GUTIERREZ SAEZ, Carmen (1998) – Aportaciones del estudio de la industria lítica a la comprensión del fenómeno calcolítico. Yacimiento de Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba). *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología*. Madrid. 11. p. 191-210.
- INIZAN, Marie Luise; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques (1999) – Technology and Terminology of Knapped Stone. Nanterre: CREP. (*Pré-histoire de la Pierre Taillée*; 5).
- JORDÃO, Patrícia (2010) – *Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral)*. Apresentada como tese de Mestrado em Geoarqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- JULIEN, M. (1992) – Du fossile directeur à la chaîne opératoire. Evolution de l’interprétation des ensembles lithiques et osseux en France. In J. GARANGER (dir.) – *La Préhistoire dans le Monde*. Paris: P.U.F., pp. 163-193.
- PAÇO, Afonso (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Série II. Vol. 16. Lisboa. p. 117-152
- SOUSA, Ana Catarina (2010) – *O penedo do Lexim e a sequência do neolítico final e do calcolítico na península de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- UERPMANN, H.-P.; UERPMANN, M. (2003) – Zambujal: die stein und beinartefakte aus den Grabungen 1964 bis 1973. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 2003. (*Madriider Beiträge*; Bd. 5).
- VALERA, António Carlos (2006) – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio a.C. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7. p.136-210.
- VALERA, António Carlos (2010) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdígões (1): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Nº5. NIA-ERA. p. 31- 42.
- ZILHÃO, João (1995) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

Material de preparação/reavivamento	Nº	%
Flanco de núcleo	14	2
Tablette	0	0
Material de debitagem		
Lamela bruta	59	8
Lâmina bruta	60	8
Lasca bruta	131	18
Núcleos		
Núcleo	40	6
Material residual		
Resto de talhe/Esquirola	146	20
Utensilagem		
Furador	7	1
Ponta de seta	103	15
Lamela com retoque marginal	11	2
Lâmina com retoque marginal	63	9
Lasca com retoque marginal	39	6
Peça esquirolada	0	0
Raspadeira	34	5
TOTAL	707	100%

Tabela 1 – Quantificação e economia da debitagem.

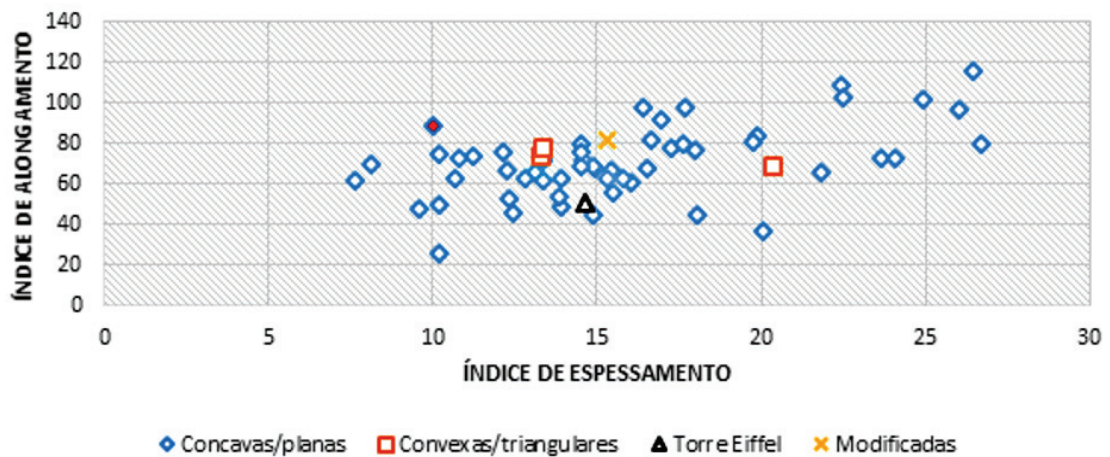


Gráfico 1 – Dispersão das pontas de seta considerando-se a relação entre o índice de alongamento e o índice de espessamento.

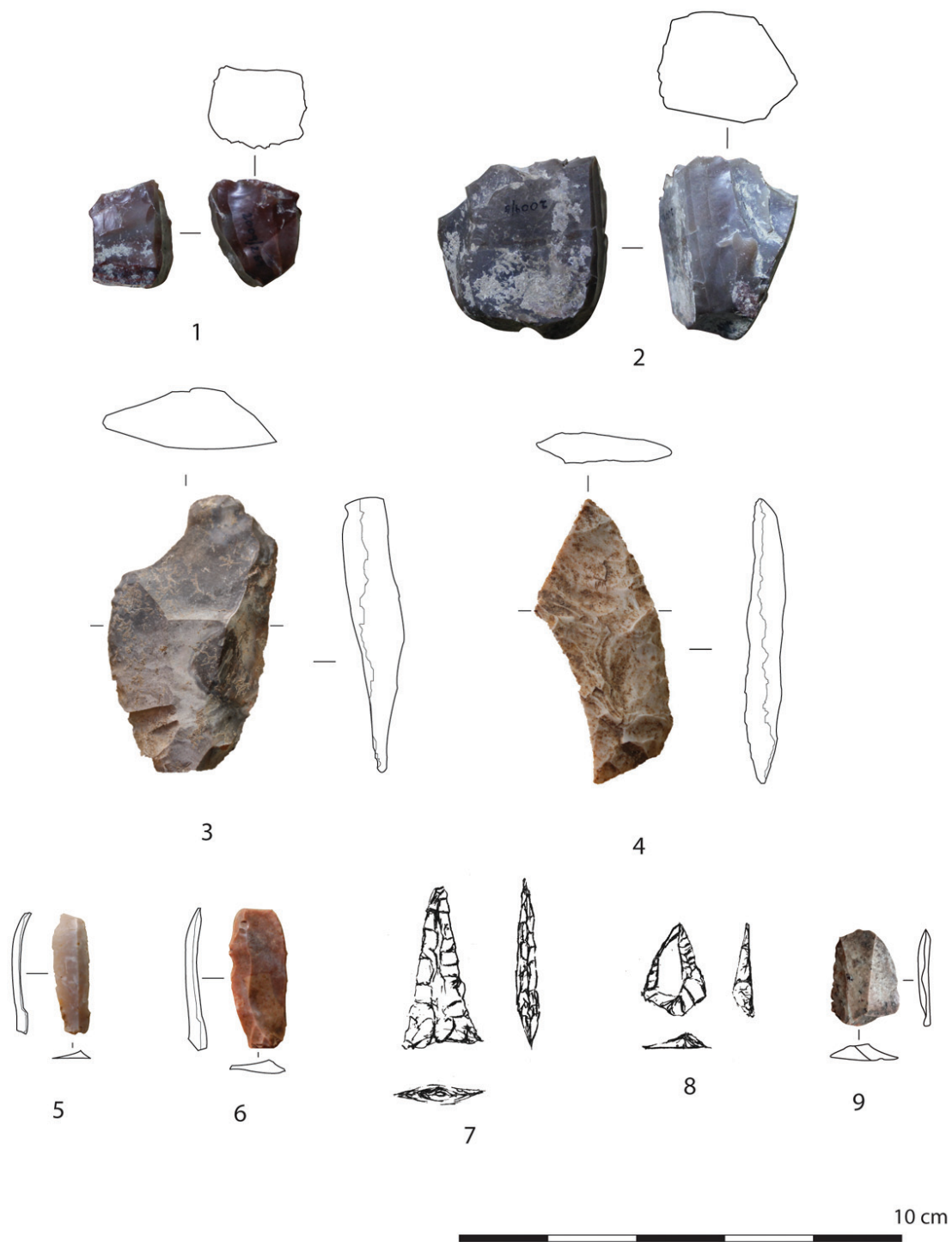


Figura 1 – Amostra do conjunto de pedra lascada do sítio arqueológico da Ota.

